



DESAPARECIMENTO NA AMAZÔNIA

PF confirma que itens de Bruno Araújo e de Dom Phillips foram localizados no rio Itaquaí, no oeste do Amazonas

Objetos são encontrados

» FERNANDA STRICKLAND
» PEDRO GRIGORI

A Polícia Federal confirmou que a mochila com pertences encontrada pelo Corpo de Bombeiros do Amazonas, na tarde de ontem, é do jornalista britânico Dom Phillips. O comitê de crise, coordenado pela Polícia Federal, divulgou uma nota informando que dentro da bolsa havia objetos dele e do indigenista Bruno Pereira.

Segundo a nota, foram percorridos cerca de 25 km, com procuras minuciosas pela selva, em trilhas existentes na região, áreas de igapós e furos do Rio Itaquaí. “Na região onde se concentraram as buscas foram encontrados objetos pessoais, sendo um cartão de saúde em nome de Bruno Pereira.” Além disso, tinha uma calça preta e um chinelo preto que pertencem a Bruno e mais dois pares de botas — um de cada. Os objetos foram encontrados

submersos em uma área que tinha sido isolada no sábado, pela Polícia Federal, às margens do rio Itaquaí. Indígenas que auxiliam nas buscas haviam sinalizado que a mata no local tinha sinais de que um objeto de grandes proporções havia adentrado pelo local. A União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Unijava) afirmou, por meio da assessoria jurídica, que os objetos estariam “amarrados para não submergir”. “Já estamos fechando o cerco e vamos encontrar de hoje pra amanhã algum vestígio (dos desaparecidos)”, disse a assessoria da Unijava.

A corporação confirmou também que uma embarcação foi encontrada na mesma região pela Unijava, que aparentemente pertence a Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, que está preso de forma provisória, por 30 dias, desde quinta-feira. “Os órgãos federais e estaduais reforçam o compromisso com a elucidação



Na região onde se concentraram as buscas foram encontrados objetos pessoais, sendo um cartão de saúde em nome de Bruno Pereira*

Trecho da nota da PF

dos fatos e mantém a esperança de encontrá-los”, informa a PF. Estão em análise também restos orgânicos encontrados no local.

Mistério

Dom e Bruno desapareceram em 5 de junho. A última vez que eles foram vistos foi na comunidade de

São Gabriel. Eles haviam viajado até a região de barco, pelo Lago do Jaburu, e pretendiam voltar à cidade de Atalaia do Norte. Bruno acompanhava Dom como guia, e era a segunda vez que eles viajavam pela região. Eles desapareceram em uma área conhecida como Vale de Javari, região de selva amazônica que abriga pelo menos 26 povos indígenas, muitos deles isolados da civilização exterior.

O jornalista tem 57 anos e atua como correspondente no Brasil do jornal britânico The Guardian. Nascido em Inglaterra, ele mora no Brasil há 15 anos, onde escreve, principalmente, reportagens sobre a Floresta Amazônica. Atualmente, ele estava trabalhando em um livro sobre preservação ambiental e desenvolvimento local. Já Bruno tem 41 anos e é especialista da Fundação Nacional do Índio (Funai). Dentro e fora do órgão, ele atua na defesa dos povos indígenas, posição que o fez receber ameaças regulares de criminosos na região.

Polícia Federal/Divulgação



O material estava submerso e foi localizado na tarde deste domingo

Omissão favorece avanço da violência

» TAINÁ ANDRADE,
» ISADORA ALBERNAZ*

A Amazônia tem sido um imenso pedaço de terra abandonado pelos governos. A falta de um plano de desenvolvimento para estimular o potencial de geração de riquezas na região, com os recursos naturais presentes, e o incentivo de um modelo econômico predatório, abre caminhos para a criminalidade ambiental, cujo narcotráfico se ramifica. Consequentemente, a violência se torna desenfadada, de 2011 a 2020 houve um salto de 47,3% nas mortes violentas intencionais (MVI) na região, de acordo com o estudo Cartografias das Violências na Região Amazônica, produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto Clima e Sociedade (ICS) e Grupo de Pesquisa Terra-UEPA (2021).

O mapeamento fez um cruzamento de dados para entender se homicídios na região estavam conectados com crimes ambientais. Foi descoberto que queimadas ilegais, exploração de madeira, garimpo e desmatamentos estão, na maioria, relacionados à grilagem de terras. Chega a 99,4% a quantidade de áreas que foram desmatadas na Amazônia Legal para práticas criminosas. Isso porque terrenos com a floresta derrubada podem valorizar em até 20 vezes na hora de fechar um negócio na localidade.

A questão é que a atividade ilegal favorece também o crescimento dos conflitos rurais. As ameaças, tentativas de intimidação, extorsão, agressões e assassinatos representam 62,4% dos casos. Enquanto nada é feito, quem mais sofre são os próprios ribeirinhos. Eduardo Maia Bettini, doutorando em Conservação de Florestas Tropicais pelo Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica (INPA), esteve com as populações ribeirinhas da região de Coari, no Amazonas, para realizar a pesquisa Estratégia de Componentes Múltiplos e Segurança Multidimensional na Proteção e Conservação da Floresta Amazônica. Ao questionar sobre a violência, descobriu que a maior parte da população é pacata e aversa à violência que se instalou.

“São pessoas extremamente pacatas e que sofrem muito com a violência. Talvez uma desorganização do tecido social, por conta do isolamento e da falta de apoio provoque ali alguma falta, por exemplo, de união entre as diferentes comunidades. Mas até se tem o que chamam de pirata na água, eles deixam de navegar. Deixam de ir de uma comunidade para outra e isso vai enfraquecer a própria



Toda essa violência está se agravando não só pelo o que vemos, mas pelo o que sentimos em nossos territórios*

Txai Suruí, fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia

cultura (ribeirinha)”, pontuou.

Indígenas

O Amazonas e o Pará são os estados que mais sofrem com o problema — os registros são de 44% para um e 31% para o outro, respectivamente. A violência contra os indígenas que vivem nas regiões também cresceu, o registro foi de 58.327 terras de famílias indígenas invadidas, um aumento de 295% de registros nos últimos anos, com grande foco em 2020.

“Toda essa violência está se agravando não só pelo o que vemos, mas pelo o que sentimos em nossos territórios. Hoje, o Brasil é o quarto país mais perigoso para ativistas ambientais e dos direitos humanos. Enquanto o nível de violência geral diminuiu, entre os indígenas, aumentou. Desacreditamos na Funai há muito tempo. Ela acredita também que a impunidade e a morosidade da Justiça agrava o problema. “Temos não só uma omissão, mas também um incentivo para que esses crimes ambientais aconteçam. Estamos criando uma cultura de impunidade e não conseguimos respostas”, denunciou.

Sidney Possuelo, especialista em povos indígenas isolados do Brasil, relembra que as terras indígenas foram separadas pelo Estado para que os povos pudessem viver com segurança, mas tem havido o desrespeito constante. “Tudo favorece para que eles estejam contra (a legalidade), principalmente hoje porque tem dentro do país, o Bolsonaro que está na defesa dos vingadores das Terras Indígenas.”

* Estagiária sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Crimes ambientais

Os crimes ambientais predominam na Amazônia Legal, entre eles, as queimadas ilegais, exploração de madeira, garimpo e mineração ilegal e a grilagem de terras, sobretudo em 2020, que houve um pico.



NARCOTRÁFICO

A Amazônia é uma área estratégica para o tráfico nacional e internacional pela geografia fronteiriça com países mundialmente conhecidos pelo fornecimento de produtos ilícitos, como drogas e armas: Bolívia, Peru e Colômbia. A dificuldade da fiscalização dos órgãos institucionais brasileiros fez com que, com o passar dos anos, tradicionais facções do país dominassem a região, assim como novos grupos locais passaram a se formar.

Principais facções que atuam na Amazônia Legal

Acre: CV, PCC, Bonde dos 13 e Irmandade, Força Ativa, Responsabilidade Acreana (IFARA)

Amazonas: Família do Norte (FDN), PCC e CV e Família do Coari

Amapá: Família Terror do Amapá e União Criminosa do Amapá

Mato Grosso: CV, PCC e Comando Terrorista do MT

Pará: CV, Comando Classe A (CCA), PCC, FDN, Primeira Guerrilha do Norte (PGN), Bonde dos 40, Equipe Rex e Galera do Aurá (GDA)

Maranhão: CV, PCC, Bonde dos 40, Primeiro Comando do Maranhão (PCM) e Comando Organizado do Maranhão (COM)

Roraima: CV, PCC, FDN, Primeiro Comando Panda (PCP), Trem do Araguaí e Pranato

Rondônia: Bonde dos 13, CV, CCA, PCC, Primeiro Comando do Panda (PCP)

Tocantins: CV, PCC e Máfia Tocantinense

■ O tráfico passou a ocorrer na região em conjunto com outras práticas ilegais, como o garimpo, o desmatamento, o contrabando de madeira, os conflitos latifundiários e as mortes intencionalmente violentas — de indígenas ou não indígenas. Entre 1980 a 2019, a violência na região cresceu exponencialmente.



CONFLITOS FUNDIÁRIOS

A violência no meio rural está associada a explorações ilegais do meio ambiente e a conflitos fundiários. Na Amazônia Legal, os conflitos rurais representam 62,4%. O estado do Amazonas era o responsável por 44% dos registros até 2015. A partir disso, se observou uma mudança de localidade da violência, houve o registro de 31% do total de assassinatos no Pará.

- 71,8% das terras invadidas foram de famílias indígenas (58.327)
- Aumento de 295% de registros de invasões de terras indígenas
- 1.576 registros de conflitos em 2020, quando houve o pico



QUEIMADAS, DESMATAMENTO E CONTRABANDO DE MADEIRA

A grilagem está associada às queimadas e ao desmatamento na Amazônia Legal. Ao desmatar, a terra pode ser valorizada em até 20 vezes. Neste cenário, acontecem os conflitos que podem ser ameaças, tentativas de intimidação, extorsão, agressões e assassinatos.

- 99,4% das áreas desmatadas na Amazônia Legal são por práticas criminosas
- 40% das queimadas são na Amazônia Legal
- Os índices percentuais em 2019 foram maiores do que o ano anterior e 63,2% maiores do que os do ano de 2015. Já em 2020, só no primeiro semestre, o INPE indicava um aumento de 25,6% em relação ao mesmo período do ano de 2019

Atividades que estão associadas à devastação:

- Expansão de fronteiras agrícolas
- Grandes projetos de infraestruturas
- Atividades pecuárias



EXTRAÇÃO ILEGAL DE MADEIRA

- A apreensão e a pressão em terras indígenas e Unidades de Conservação aumentaram entre 2016 e 2020.
- A atividade se concentra no Amapá, Roraima, Pará e Amazonas.
- Em florestas públicas, os maiores valores registrados são no:
 - Pará, Marajó e a parte Sudoeste.
 - Amazônia, os municípios de Itaituba e Santarém.



GARIMPO

- De 2010 a 2020, o garimpo na Amazônia Legal foi de: **93,7%**
- Aumento 495% em áreas indígenas
- Aumento de 301% em Unidade de Conservação
- A cada quatro hectares minerados no Brasil, três estão na Amazônia. Mas o Pará é o local onde mais acontece, o epicentro é na bacia do rio Tapajós, no sudoeste do Estado.
- De 1985 a 2020, em cada 4 hectares minerado no Brasil, três estavam na Amazônia. Há a concentração de 93,7% dos garimpos na região, sendo o Pará o responsável pela maior reunião da atividade criminosa. O epicentro está localizado na bacia do rio Tapajós, no sudoeste do estado.